

**Maria Luiza Tucci Carneiro**

Docente do Departamento de História da FFLCH  
e do Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura  
e Cultura Judaica do Departamento de Letras da Universidade de São Paulo.

## Literatura de Imigração

### Memórias de uma diáspora

**A**s décadas de 1930 e 1940 podem ser consideradas como um momento de convulsão da sociedade contemporânea que, utopicamente, preparou o mundo para a prática da democracia. Durante este período, o totalitarismo idealizado nos primeiros anos do século XX e concretizado pelo nazismo e fascismo veio à tona sob a forma de tirania e violência.

Tempos de terror, de medo e de ódio. Tempos de cataclismo. Tempos de Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Perón e Getúlio Vargas. Cada qual, a seu modo, colocou em prática projetos nacionalistas e xenófobos, controlando e seduzindo as massas através de modernos instrumen-



tos de repressão e propaganda. Tanto na Espanha como na Alemanha, regimes fortes substituíram repúblicas agonizantes que nada mais foram do que ensaios de liberalismo e de prática democrática. Utopias, enfim. O término da Guerra Civil Espanhola não deixou de ser o prenúncio do conflito mundial que começou em 1939. Portanto, é compreensível que 1945 seja apontado como símbolo para a história da humanidade: não somente pelo fim do conflito mundial e suas implicações político-econômicas, como também por questões humanistas. Quando as primeiras notícias da vitória dos Aliados vieram a público, concretizou-se a falência do Estado nazi-fascis-

ta. E, quando vieram à tona as primeiras imagens do holocausto judeu praticado pelos nazistas, o mundo parou sob o impacto desse fenômeno, incompreensível até os dias de hoje. Os indivíduos de qualquer raça, religião ou etnia tiveram a triste oportunidade de lançar os olhos sobre os escombros dos campos de concentração, constatando que o sentimento de ódio não tem limites.

#### PEREGRINOS SEM PÁTRIA

Tanto a Guerra Civil Espanhola quanto o nazismo e a Segunda Guerra Mundial foram responsáveis por um intenso movimento imigratório que envolveu, de um lado, aqueles que, identificados com idéias liberais e republicanas, foram obrigados a deixar a Espanha sob o olhar censório de Franco; de outro, os judeus perseguidos pela doutrina nazi de tendências genocidas.

Com relação à Espanha, cabe lembrar que em 9 de fevereiro de 1939 foi promulgada a Lei de Responsabilidades Políticas<sup>1</sup> como parte da longa repressão empreendida pelo Movimento Nacional, que atingia todos que haviam defendido a República e tentado impedir o avanço das tropas franquistas. Para muitos acusados de 'agravar e subverter a ordem' era chegada a hora do cárcere, dos campos de concentração e do exílio. Esta diáspora estendeu-se até o início da Segunda Guerra, quando os principais centros receptores e polarizadores se fecha-

ram à imigração. Dispersa por três continentes — Europa, América e África —, esta massa diversificada e magoada de refugiados guardou desilusões, rancores e tristes recordações.

Para muitos o exílio acabou sendo definitivo; outros retornaram quarenta anos depois quando foi reinstaurada a democracia, e os que não saíram da Espanha viveram, permanentemente, em seu *exílio interior*.<sup>2</sup>

Após 1945, o mundo viu-se diante de outros tipos de peregrinos: os espoliados de guerra e os desiludidos, ou seja, aqueles que, decepcionados com seus países de origem e amedrontados com o alcance das práticas totalitárias, resolveram sair em busca de nova pátria.

Essa massa humana em movimento, fugitiva e sofrida, colocou muitos países em 'estado de alerta', visto que estavam preocupados com o tipo de indivíduo (raça, caráter e ideologia) que poderia solicitar abrigo em suas terras. Tanto a França como o México abriram suas portas aos espanhóis exilados pelo regime franquista. A Argentina, contrária à imigração em massa, restringiu-se a receber apenas alguns intelectuais e personalidades de renome na Espanha. No entanto, não teve condições de impedir a entrada de grande número de judeus, que para lá se dirigiram atraídos pela comunidade israelita existente no país.<sup>3</sup>

Muitos dos peregrinos encaminharam-se para São Domingos, Venezuela, Equador,

Panamá, Cuba, Inglaterra e Estados Unidos. Um grande número refugiou-se também na África do Norte.<sup>4</sup>

Neste mesmo momento, entre 1937 e 1942, o Brasil colocava em evidência uma série de circulares secretas proibindo a entrada de imigrantes judeus. Defendia-se a idéia de uma política *imigratória cientificamente policiada e orientada*, tendo em vista o imigrante como um provável candidato à composição racial e política do país. Aquele, se destinado a *contribuir para a melhoria da etnia*, deveria atender a um requisito essencial: ser de raça branca, escolhida dentre as nacionalidades que já haviam provado ser facilmente assimiláveis pela população brasileira.<sup>5</sup>

A documentação oficial produzida pelo Ministério das Relações Exteriores e pelas missões diplomáticas sediadas no exterior comprova a atitude irreverente do Brasil de só aceitar aqueles que fossem classificados como *desejáveis*. Os judeus refugiados do nazi-fascismo foram considerados uma anomalia social, enquanto os refugiados de guerra foram vistos como "uma população faminta e desamparada" e, confidencialmente, tratada de "irmãos desgraçados" e "escumalha de guerra".<sup>6</sup>

A maioria das sociedades americanas ficou de sobreaviso com relação a uma dezena de 'perigos humanos' que poderiam colocar em risco a segurança nacional; fossem exilados políticos (principal-



A causa da fuga. Hitler em meio à multidão, 1933. Arquivos Yad Vachem. Jerusalém.

mente se rotulados de anarquistas ou comunistas), judeus ou 'refugos da escumalha de guerra'. A imprensa conservadora mexicana, pró-franquista, por exemplo, foi responsável pela construção de uma imagem negativa do espanhol junto à opinião pública, que, segundo José Antônio Matezans, os recebeu "com desgosto, desconfiança e certa hostilidade". A propaganda fascista, por sua vez, encarregou-se de desqualificá-los, apresentando-os como 'delinquentes', 'degenerados vermelhos' e 'gente de má vida'.<sup>7</sup>

Uma série de fatos interligados entre si contribuiu para gerar um clima de tensão, angústia, decepção e intranquilidade entre todos aqueles que, como os judeus ou os refugiados políticos, buscavam um

lugar para abrigar-se. Dentre estes acontecimentos, cabe citar o desmoronar da República espanhola, a evidência da prática de um plano objetivando o extermínio em massa dos judeus pelo III Reich, as consequências econômico-sociais da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, o estado de destruição das cidades européias atingidas pelos bombardeios e o desencanto com a situação político-social de seu país de origem.

Diante deste quadro de caos, os 'peregrinos sem pátria' passaram por um constante processo de mutilação (a deterioração do eu) que, posteriormente, se manifestará na literatura, produto deste momento de cataclismo da socie-



Viagem interrompida. Passageiros ilegais do navio *Theodor Herzl* capturado pelos ingleses em abril de 1947. Archives Yad Vachem. Jerusalém.

dade contemporânea. Como muito bem definiu José Lopes Portillo, presidente do México:

O refugiado é um ser com a raiz cerceada. Um sujeito errante que não procura apenas comida, teto e trabalho, porém algo muito mais substancial: um centro de gravidade, um ambiente que possa nutrir seu espírito, e não só sua carne.<sup>8</sup>

Esta questão nos conduz a uma outra reflexão que, pela sua essência, nos auxiliará a compreender os textos literários produzidos por muito destes 'transterrados'. Christopher Lasch, referindo-se ao estado de espírito daqueles que lutam pela sobrevivência, afirma em sua obra *O mínimo eu*:

Em uma época carregada de problemas, a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Vive-se um dia de cada vez. Raramente se olha para trás, por medo de sucumbir a uma debilitante nostalgia e quando se olha para a frente, é para ver como se garantir contra os desastres que todos aguardam.<sup>9</sup>

## A LITERATURA EM QUESTÃO

A guerra não foi uma ilusão, nem o holocausto. As divergências ideológicas anteciparam calamidades com capacidade de 'abalar a Terra'. O tema da vida e da morte tornou-se trivial preocupação de todos que estiveram ou não envolvidos pessoalmente nos conflitos. Os que se viram obriga-

dos a buscar refúgio em outro país a sensação era de *perda*, de *mutilação*. Muitos traduziram suas angústias e esperanças em poemas, novelas, contos e livros de memórias.

Essa literatura, característica do pós-guerra, revela a busca de equilíbrio pelo homem que, através de uma retórica particular, procurou exprimir seus sentimentos sob a forma de denúncias e silêncios, dúvidas e certezas, erros e acertos, tensão e alívio. Enfim, cada uma das obras publicadas é, também, testemunho das nossas inquietações existenciais.

Essa seleção e análise privilegia a memória dos excluídos, dos marginalizados e das minorias; memória esta que, segundo Michel Pollak, aflora "nos momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados".<sup>10</sup> Tais sentimentos emergem, de forma mais transparente, nos textos que se referem a um passado imediato, ou seja, próximo ao momento do conflito.

Com base em uma seleção preliminar — parte de um estudo mais amplo —,<sup>11</sup> podemos adiantar que as décadas de 1930 e 1940 produziram tipos distintos de literatura, muitos dos quais podem ser considerados como produtos conseqüentes da prática autoritária e da dificuldade que o homem tem de lidar com as diferenças, sejam elas étnicas ou ideológicas. Diante de uma produção tão múltipla e diversificada, identificamos inúmeros núcleos literários, dentre os quais cabe citar: a *literatura de exílio*, produ-

zida tanto dentro (*exílio interior*) como fora do país de origem (*exílio exterior*); e a *literatura de imigração*, produzida por imigrantes e, no caso em estudo, por judeus refugiados do nazi-fascismo.

Essas obras foram escritas por homens que tiveram suas existências 'interrompidas' no momento de convulsão da sociedade. Muitos foram pressionados e expulsos de sua terra natal; outros permaneceram mas tiveram que abrir mão de suas concepções ideológicas e de seus projetos políticos: daí o fato de todos terem em comum a experiência do trauma, simbolizado por um momento de ruptura.

Em ambos os casos estas cicatrizes induziram os indivíduos a formularem soluções aglutinadoras que deram origem às comunidades dos refugiados, neutralizando as circunstâncias que os forçaram a imigrar; além de servirem de inspiração para seus 'registros de vida'. A literatura produzida por estes grupos vai muito além da biografia individual de cada autor; expressa também, nuances da memória coletiva, fundamental para a persistência de uma identidade nacional.

A diferença entre uma e outra literatura depende de dois fatores básicos e determinantes: *das condições exteriores próximas ao autor e do estado de espírito que condiciona o processo de criação*. Neste sentido, temos que considerar a distinção que caracteriza o *exilado* e o *imigrante*. O primeiro deixa o seu país por um tempo determinado e, até mes-

mo, prolongado. Psicologicamente, aguarda o fim do seu exílio. No caso dos refugiados espanhóis republicanos, acreditava-se que "em breve Franco cairia". Não estava em seus planos criar raízes na nova terra e nem mesmo 'fazer a América', expressão empregada para caracterizar aqueles que chegavam com o propósito de enriquecer rapidamente.<sup>12</sup> A certeza da volta sempre os animava. Nas palavras de Eugenia Meyer, a mente e o coração continuavam na Espanha, enquanto a existência transcorria no México.<sup>13</sup>

Este, entretanto, não é o 'estado de espírito' do refugiado judeu, que, discriminado e perseguido pelo nazi-fascismo, não pensa em retornar: vem para ficar, decepcionado com a nação que o desencantou transformando-o num apátrida, num 'desclassificado' — os judeus perderam na Alemanha nazista sua condição de 'cidadãos do Reich'. E esse desencanto gerou marcas profundas, alimentando silêncios e medos confessados posteriormente nas entrelinhas de suas memórias. Expressivo desse estado de espírito é o diálogo que dá início ao livro *Você voltaria?*, de Anita Salmoni, judia italiana, formada em letras e filosofia pela Universidade de Pádua:

- Você voltaria para a Itália?
- Para a Itália? Claro que sim. Vou para lá em dezembro.
- Mas eu quero saber se você voltaria para a Itália para ficar, para viver lá?<sup>14</sup>

Tanto o imigrante judeu como o exilado espanhol republicano produziram, sob ângulos diferentes, suas visões pessoais dos conflitos presenciados na Europa; cada qual construiu uma imagem particular de cataclismo elevando-o à categoria de drama. Cada uma dessas versões encontra-se filtrada pela nova experiência vivenciada em terras americanas.

Nos dois casos a maioria dos autores é constituída por intelectuais de classe média urbana; com a diferença de que os espanhóis, exilados no México em 1939, eram indivíduos engajados politicamente e envolvidos com o processo de transformação da sociedade espanhola na década de 1930. Muitos representavam, no momento em que foi proclamada a Segunda República, em 1931, a vanguarda do liberalismo e do republicanismo espanhol e, quando não, haviam liderado movimentos reformistas e de oposição à Igreja, à monarquia e à ditadura de Primo de Rivera no decênio de 1920.<sup>15</sup>

Na Itália, a aplicação das leis raciais, após 1939, atingiu muitos intelectuais que, nesta época, ocupavam importantes cargos junto às universidades onde atuavam como catedráticos na área de pesquisa social e científica. Parte considerável desses intelectuais migrou para o Brasil passando a ser fator atuante na história do país, visto serem pessoas de tradição liberal e nível cultural elevado.

Através de suas memórias, narradas sob a forma de histórias de vida, muitos desses intelectuais judeus se apresentam

como sendo 'liberais' e 'pouco ortodoxos'; até o momento em que passam a ser questionados por suas origens judaicas. Por serem judeus — meio ou, até mesmo, um quarto judeu — é que muitos perderam o direito de cidadania e, posteriormente, o 'direito de viver'. Daí suas projeções literárias serem típicas das manifestações das identidades mutiladas.

A *literatura de imigração* como a de *exílio* assumem uma dimensão universal: a da sobrevivência. Deixar a terra de origem não foi uma atitude voluntária. Foi, sim, a única opção para salvar suas vidas. Garantida a troca (vida no exílio), o espanhol refugiado sustentou viva a chama de um dia poder salvar, também, a República abortada pelo fascismo de Franco. Neste sentido, lembramos aqui a obra de Carlos Martínez, que em sua *Crónica de una emigración (La de los republicanos españoles em 1939)* recupera todo o processo de adaptação dos refugiados em terras mexicanas.<sup>16</sup>

#### A LITERATURA DE EXÍLIO

A *literatura de exílio* foi produzida, na sua maioria, por intelectuais engajados e que, por razões político-ideológicas, refugiaram-se em países da Europa, África e América, pressionados pela prática dos regimes autoritários que, para se sustentarem no poder, abusaram do uso da violência física e simbólica. Entretanto, momentos históricos distintos dão, a cada uma destas obras, tons diferenciados,

expressivos de múltiplos olhares.

O fato desses espanhóis continuarem sentimentalmente ligados a sua terra de origem, contando com o retorno num futuro muito próximo, fez com que o tema da integração social se transformasse em assunto comum desta literatura marcada por conflitos existenciais. Dentre os principais autores, cabe citar: Salvador Novo, Jorge Semprún, Simón Otaola, Virgílio Botella Pastor, Claire Etchrelli, Ramón J. Sender, Luis Cernuda e Max Aub, entre tantos outros.<sup>17</sup>

A *literatura de exílio* produzida pelos republicanos espanhóis diz respeito a uma história escrita pelos vencidos, dada a extensão dos conflitos existenciais que dela emergem. O anedótico pontilha a maioria das obras neutralizando as sensações de angústia e de batalhas perdidas. A novela *Así cayeron los dados*, de Virgílio Botella Pastor, publicada na França em 1954, traz à tona o drama particular do homem não realizado em sua totalidade, assim como expressa a agonia das utopias republicanas.<sup>18</sup>

O drama do espanhol exilado, que tem a esperança de um dia voltar para a Espanha pode ser, também, identificado na obra ficcional *La algarabía*, de Jorge Semprún, que em 1939 refugiou-se na França, onde passou a integrar o movimento antinazi. Esta atitude lhe valeu, em 1943, a triste experiência no campo de concentração de Buchenwald, após ter sido detido pela Gestapo.<sup>19</sup>

Muitos desses escritores continuaram a expressar em suas narrativas a busca de uma *pátria ideal*; mas, nem por isso, mantiveram-se alienados da sociedade que os cercava. Enquanto a *literatura de imigração* concentra-se nas histórias de vida de cada um dos seus autores, a *literatura de exílio* tenta, em obras distintas, desvendar outros mundos, sob o prisma aguçado da 'visão de mundo' do espanhol educado segundo os parâmetros da cultura européia. Muitos deixaram-se seduzir pelo universo mágico e religioso dos povos da América: penetraram no mundo mítico do México antigo, indígena e popular.

Em sua obra *Mejicayotl*, Ramón J. Sender recupera parte deste imaginário coletivo recriando uma realidade povoada por lendas e regida por deuses.<sup>20</sup> Juan Rejano, autor de *La esfinge mestiza: crônica menor de México*, faz crítica social ao apontar os meninos pobres de rua e o índio que, como um fantasma, "vai pela vida como algo que foi".<sup>21</sup>

O sevilhano Luis Cernuda, refugiado no México, além de evocar a beleza do índio, sensibilizou-se com a tristeza das "moças de véu negro" e com a miséria dos meninos pedindo esmolas;<sup>22</sup> enquanto Jose Moreno Villa, em suas *Cornucópias*, passou a olhar pelos primores do vulgar, preocupando-se em recuperar a dinâmica do trivial em todos os seus detalhes. Através dos seus ensaios, chegamos ao México crioulo e mestiço, marcado pela

influência da civilização espanhola, elo de ligação e identificação entre exilados e mexicanos.<sup>23</sup>

Simón Otaola, por sua vez, escreveu seus livros relatando pequenas histórias dos refugiados, microcosmos de 'vidas interrompidas': *Unos hombres; Le lebrería de aranha; El cortejo e Tiempo de recordar*. Através do cômico e da tragédia, o autor recompõe utopias e conflitos, transformando o México numa "verdadeira comédia humana".<sup>24</sup>

São raras as versões dadas por mulheres, categoria esta que predomina na *literatura de imigração* escrita por judeus imigrantes. Uma das escritoras que dirige seu olhar para os desprotegidos que se exilaram na França é Claire Etchrelli, autora de *A propos de Clemence*. Nesta novela de exílio, a autora se preocupa em recuperar o cotidiano dos humildes e dos necessitados fazendo uso de metáforas: água, sangue e álcool têm força de elementos míticos no mundo sem conforto e miserável dos exilados espanhóis na França.<sup>25</sup>

## LITERATURA DE IMIGRAÇÃO

**A** *literatura de imigração*, neste nosso estudo em particular, diz respeito aos livros produzidos por judeus refugiados do nazi-fascismo que se instalaram no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Essa literatura inspira-se na luta pela sobrevivência e enuncia-se como *de imigração* por envolver centenas de pessoas identificadas

com um mesmo drama: o da *solução final*.

Estas obras diferenciam-se, principalmente, daquelas escritas por exilados por terem a estrutura de 'livros de memórias', em que o individual ganha credenciais de universalidade, por ser o holocausto um tema de natureza emotiva. Um laço invisível une todas as narrativas, independente de gênero literário e tempo: as imagens recuperadas pelo autor-imigrante têm um significado especial para ele e, naturalmente, sua família, na medida em que são raros fragmentos 'concretos' do seu próprio passado. O que não foi registrado irá, com certeza, perder-se no tempo.

No entanto, em cada narrativa existe um elo (não aparente) que é captado por todos os outros (leitores ou autores desta categoria) que vivenciaram uma situação semelhante: o elo do sofrimento, da dor e da ruptura. Considero, neste sentido, que estamos diante de um duplo fenômeno: o da criação e o da *memória coletiva*.

Enquanto a *literatura de exílio* distingue-se pela variedade de gêneros que abarca (novelas, contos, poemas, crônicas, ensaios e narrativas), a literatura deixada pelos imigrantes judeus concentra-se nas categorias de 'histórias de vida' e algumas poucas crônicas. Tais obras devem ser vistas como testemunhos da destruição do homem pelo homem e como expressão da tentativa de reconstruir os mecanismos legais democráticos.

A estrutura narrativa da *literatura de imigração* organiza-se sob a forma de relatos, partes integrantes das 'histórias de vida'. Neste estudo, em particular, nos interessa apontar aquelas que foram publicadas no Brasil, pois, além de fornecerem elementos significativos da história do III Reich e do anti-semitismo como fenômeno político-social, nos confirmam — através de testemunho — a prática de uma política racista adotada pelo governo de Getúlio Vargas entre 1937 e 1945.

Estas obras podem ser consideradas como de resistência ao nazi-fascismo, expressando a versão *subterrânea*<sup>26</sup> que, de uma forma geral, se viu abortada pela história dita oficial. Essas versões não são encontradas nos documentos oficiais, cabendo ao historiador das mentalidades cruzar informações, identificando as fronteiras entre o real e a ficção.

Os marcos da trajetória de cada imigrante podem ser percebidos em diferentes 'estados de emoção' manifestos em suas narrativas: o da *constatação* do crescimento do nazismo e do fascismo; o do *impacto* de se ver diferenciado pelo estigma de 'ser judeu', apesar de 'nascido' alemão ou italiano; o do *temor* da perseguição e suas conseqüências e, em quarta e última instância, o da *euforia* de bem-estar.

Ao relatar sua trajetória de vida, o refugiado judeu tem a preocupação de mostrar como se processou o momento da ruptura, seguido da sua rápida assimila-

ção e integração junto à sociedade brasileira. A sensação de pertencer a dois mundos, característica do exilado espanhol no México que ainda não se desgarrara da pátria-mãe, não se manifesta neste tipo de literatura, visto que este vazio existencial foi preenchido por aquele que criou laços com a terra que o acolheu.

No caso da *literatura de imigração*, o judeu refugiado se expressa como vencedor: escapou do inferno nazista rompendo, com sua vontade de viver, os arames farpados dos campos de concentração. Emigrou e integrou-se ao cotidiano brasileiro recomeçando, com mil dificuldades, uma nova vida. Raros são aqueles que conseguiram esquecer; ou melhor, muitos preferem não lembrar. Hoje, os relatos publicados são apenas um fragmento do que foi vivenciado na Alemanha de Hitler. Não existem palavras para exprimir a extensão do fenômeno que foi a 'vida' num campo de concentração (depois campo de extermínio). Daí tantos questionamentos (alguns inexplicáveis) e a revolta contida no livro *Memórias do inferno*, de Isaak Podhoretz, publicado em 1992:

Por que mataram...?

Por que tanto ódio? Por que ensinaram as crianças a agir assim? Será que Deus não é de todos?

Não posso esquecer. Não posso arrancar este passado de dentro de mim...<sup>27</sup>

Estas estórias, no seu conjunto, trans-

formaram-se em uma 'história de anônimos', dada a intensidade do fenômeno: seis milhões de vítimas. Mas apesar da extensão e do impacto causado junto à opinião pública, os sobreviventes do holocausto não receberam, ainda, reconhecimento por parte da historiografia internacional e brasileira. Somente nesta última década é que estudos nesta direção começaram a ser desenvolvidos, frente à abertura recente de arquivos alemães e russos, assim como da apreensão gerada pelo recrudescimento das idéias nazistas, do fortalecimento das correntes revisionistas que negam as câmaras de gás e os campos de extermínio, e das manifestações crescentes de sentimentos nacionalistas e xenófobos, alimentados por representantes do pensamento de extrema-direita na Europa e América.

Esta não é, entretanto, a situação da história dos exilados espanhóis, que — sem desmerecer aqui a extensão do conflito — tem recebido atenção redobrada por parte dos historiadores, cientistas políticos, estudiosos da arte e literatura. O caráter épico conferido a muitas obras produzidas pelos exilados espanhóis tem colaborado para o fortalecimento da *imagem de herói*<sup>28</sup> que lhes tem sido atribuída pela historiografia internacional, que dá a este 'movimento imigratório involuntário' uma atenção especial por envolver intelectuais e artistas conceituados.<sup>29</sup>

A maioria das versões foi escrita por

mulheres, alemãs e italianas, que fazem das suas histórias de vida exemplos de resistência e luta pela preservação da identidade judaica, independente da nacionalidade adquirida. Dentre essas obras, cabe lembrar *All the gardens of my life*, de Mathilde Maier; *Schreib mir alles, Mutter. Brief aus dem 'Brasilianischen Garten'*, de Karin Schauff; *Você voltaria?*, de Anita Salmoni; *Os abismos*, de Malka Lorber Rolni; *A longa trilha azul*, de Fúlvia Di Segni; *Crônicas do meu tempo*, de Trudi Landau; *Nosso caminho de obra para o Brasil (1939-1941)*, de Ilza Czapska; *O mundo silenciou*, de Miriam Brik Nekrycz.<sup>30</sup>

As histórias de vida dessas mulheres reconstituem parte da história da imigração para o Brasil, assim como o drama daqueles que, de perto, foram vítimas do nazismo e do anti-semitismo na Europa. Suas crônicas, poesias, diários e romances emergem deste universo trágico para interferir diretamente no universo da criação. Como escritores, souberam transformar frases e palavras em expressões coloridas de sobressaltos emocionais incorporando fragmentos da realidade brasileira. Extraíram da paisagem e do cotidiano a essência do caráter nacional, atraídos, como estrangeiros que eram, por tudo aquilo que percebiam como exótico e popularesco.

Diferentes versões foram arrancadas daquele mundo cinzento da guerra que, após a década de 1950, viu-se traduzido em metáforas inspiradas nas vivências

interiores de cada um. Através de suas memórias, esses escritores — homens e mulheres — conseguiram recriar sua condição de *cidadãos do mundo*, transformando a tristeza do exílio em literatura. Nas entrelinhas, expressam a consciência de estar, constantemente, em busca da terra prometida.

Além dos nomes citados acima, cabe também ressaltar a presença de Suzanne Eisenberg Bach e Paula Ludwig, ambas de origem alemã, cujas histórias são semelhantes a tantas outras de refugiados. A primeira, romancista, nasceu em Munique, em 1909, e, após 1933, viveu em Paris e Marselha. Manteve contato com Hermann Mathias Gorgen que lhe enviou visto para o Brasil em 1941, via Portugal. O grupo ficou primeiro em Juiz de Fora e, depois, Suzanne foi para Petrópolis, onde manteve contato com o escritor francês Georges Bernanos, aqui exilado. Trabalhou no jornal *Correio da Manhã* e, em 1948, retornou à Europa. Voltou novamente ao Brasil, indo morar no apartamento de Leskoschek e, mais tarde, em Salvador, onde adquiriu uma livraria. Atualmente reside em Munique. A trajetória tumultuada de sua vida encontra-se sob o título *À la recherche d'un monde perdu*, publicado em 1944.<sup>31</sup>

Paula Ludwig nasceu em Altenstadt e, após a morte de sua mãe, mudou-se para Breslau, onde trabalhou como empregada doméstica, além de frequentar a escola literária. Em 1917, nasceu seu filho Friedel, com quem foi para Munique, onde

ganhou seu sustento como modelo e pintora de aquarelas. Entre 1923 e 1933, viveu em Berlim, posicionando-se contra o nacional-socialismo. Em 1934, para poder continuar publicando, tornou-se membro da Associação dos Escritores Alemães do Reich. Apesar de não ser judia, por solidariedade aos amigos judeus, foi para a Áustria e, de lá, fugiu para Paris e Marselha, onde ficou detida no campo de Gurs. Em 1940, conseguiu visto para o Brasil, via Lisboa, graças a sua amiga Nina Engelhard. Morou por algum tempo em Muri, próximo de Nova Friburgo e, depois, transferiu-se para São Paulo, onde levou uma vida muito modesta. Em 1953 retornou à Áustria como cidadã brasileira, tendo publicado em alemão suas obras, marcadas pelo sentimento de desamparo, desconhecimento do idioma, isolamento e alcoolismo, vindo a falecer em 1974.

Além dos escritos de Suzanne Bach e Paula Ludwig, gostaríamos de dar destaque, neste universo múltiplo dos memorialistas, a Fritz Pinkuss, Lívio Túlio Pincherle e Max Hermann Maier. O primeiro, alemão e rabino; o segundo, italiano e médico psiquiatra; e o último, alemão, advogado e cafeicultor no Brasil. Origens diversas, destinos múltiplos, questionamentos semelhantes. Todos vítimas da intolerância, discriminados como judeus, refugiados nos trópicos brasileiros. Detalhes da história de vida do rabino Pinkuss, que teve importante papel na ajuda aos refugiados alemães que imigravam para o Brasil, encontram-se pu-

blicados em suas memórias *Estudar, ensinar, ajudar: seis décadas de um rabino em dois continentes*. Nos seus relatos, o drama daqueles que, para sobreviver ao nazismo, viram-se obrigados a converter-se ao catolicismo para, mais tarde, retornar ao judaísmo.<sup>32</sup>

Lívio Túlio Pincherle, nascido em Trieste, expressa sua vivência sob prismas diferenciados: o do judeu italiano refugiado em São Paulo e o do profissional preocupado com as 'doenças da alma', com o inconsciente marcado pelo passado traumático, inesquecível, silenciado. É importante recuperarmos, em poucas linhas, sua trajetória acadêmica, reveladora de

sua visão de mundo. Pincherle formou-se médico psicoterapeuta vindo a se destacar como pediatra e especialista em alergias, dedicando-se à hipnose para terapia de asma, alergias de pele e outros sintomas. Através da hipnose chegou até a 'terapia de vidas passadas', sendo o responsável por esta prática por mais de quarenta anos junto à universidade. Deu asas a sua imaginação ao publicar uma obra de ficção científica intitulada *Mistério em Jerusalém* e pairou sobre a realidade ao recuperar sua trajetória de cidadão-judeu discriminado pelo fascismo anti-semita pós- 1938. O perfil do indivíduo mutilado, dividido em seus valores e em busca de uma identidade encontrase registrado no seu livro de memórias, editado em 1987, cujo título sugere sua trajetória de vida: *Dois mundos: história da vida de um médico judeu italo-brasileiro*.<sup>33</sup>

Muitos são os que, na condição de refugiados e judeus, viram-se obrigados a optar por novos caminhos. A imagem de um Brasil tropical desponta como uma mancha nas lembranças de Max Hermann Maier, jurista e advogado que, em 1938, viu-se transformado em cafeicultor no interior do Paraná, registrado por ele como 'selva brasileira'. Portando visto temporário e acompanhado de sua esposa Mathilde Maier — autora de *Os jardins da minha vida* —, juntou-se aos Kaphan em Rolândia, onde passou a administrar a fazenda Jaú, experiência única para um homem acostumado a interpretar as leis. No campo, Max Maier



*Os jardins de minha vida*, de Mathilde Maier, New York, Vantage Press, 1983.

vivenciou o processo de desenraizamento doloroso, embora construtivo, adotando aos poucos o Brasil, como sua nova pátria. Conseguiu impor-se como cafeicultor e intelectual, enfrentando, como todos os imigrantes, as dificuldades impostas pela língua portuguesa e pelos trópicos.<sup>34</sup>

Nestas memórias afloram os sentimentos de cidadania e nacionalismo: os judeus discriminados pelo III Reich e o fascismo consideravam-se (e eram) cidadãos italianos, alemães, austríacos, poloneses, romenos etc. Muitos ressaltam a intensidade desse sentimento enumerando fatos como: a participação de seus familiares na Primeira Guerra Mundial, que lhes valeu condecorações nacionais recebidas por serviços prestados à pátria, a pontualidade no pagamento dos impostos, o crédito dado ao fascismo ou, ainda, a confiança depositada em Mussolini. Para a maioria, nada disto contou. O desmoronamento de toda uma vida enraizada na terra natal e, em geral, há várias gerações, ocorreu simultaneamente ao ressurgimento do anti-semitismo. O que simbolizava ser alemão, austríaco, italiano, polonês, triestino, quando este sentimento entrava em conflito com o fato de 'ser judeu'? E mais tarde, após 1942, quando muitos deles já se encontravam no Brasil, um novo estereótipo somou-se a tantos outros gerando instabilidade emocional e conflito de identidade: o fato de ser rotulado 'cidadão do Eixo' a partir do momento em que o Brasil tomou posição

ao lado dos Aliados.

O sentimento de desencanto é marca registrada na maioria dessas obras. Percebemos silêncios propositais nas entrelinhas dos relatos. Medos e imagens aterrorizantes afastam lembranças. Mas, alguns marcos — símbolos do processo de ruptura — se fazem comuns: a Noite dos Cristais, a publicação das leis de Nuremberg, o impacto do ato de emigrar, o posicionamento dos mais velhos que queriam aguardar a volta da razão, a constatação do avanço do nazismo, o dilema de se *sentir judeu e apátrida*.

A travessia do oceano, como espaço físico e simbólico a ser percorrido, está presente nas recordações tanto dos imigrantes judeus que se refugiaram no Brasil quanto dos exilados espanhóis que se abrigaram em terras mexicanas. Os múltiplos roteiros possíveis transformaram os oceanos em caminhos da liberdade. O ato de 'arrumar a bagagem', entretanto, expressa-se como um ato de violência, sofrido, doído. Os objetos perdem o seu valor real para o valor simbólico: o que levar e o que deixar? As dúvidas pairaram entre o quantitativo e o qualitativo, permeadas de valor emocional. Mathilde Maier trouxe consigo seus livros e sementes de flores do seu jardim. Na germinação de cada grão estava inscrita a continuidade da vida.

Identificando-se com uma poesia de Goethe, dedicada a Charlotte V. Stein, quando ela plantou seu jardim fora dos portais de Weimar, a autora comenta:

Da mesma maneira como este jardim em Weimar possibilitou a separação definitiva de Goethe de Frankfurt... assim o plantio do nosso jardim, seu crescimento, sua florescência e frutificação, fizeram-se radicar definitivamente neste país novo e esquecer o sofrimento indizível da separação da pátria e dos entes queridos, e as amargas experiências do tempo do nazismo.<sup>35</sup>

Em *Os Jardins da minha vida*, os jardins e as flores de Mathilde Maier assumem uma representação simbólica. Como ela mesma responde ao repensar a indagação de um amigo sobre "o que seria a vida sem Phox?" Uma paixão relativa:

... uma paixão relativa, foi o que pensei muitas vezes no Brasil onde fizemos um jardim tão rico, sem Phox... Também os conceitos de jardinagem são definidos e alterados como o destino dos homens.<sup>36</sup>

A viagem de navio simboliza, para a maioria, um corte, um trauma. Do lado de lá ficou a Alemanha, a velha Itália, a grande Espanha. Do lado de cá, o desconhecido. Para muitos, a palavra *saudade* passou a fazer parte de seu novo idioma. No convés, os 'irmãos de barco': números tatuados nos braços, cabeças raspadas, o J vermelho no passaporte emitido pelo Reich. Finalmente, terras da América: o impacto do 'outro', do novo. Nas sinagogas, a persistência da identidade judaica por entre os murmúrios das vozes imigradas. Nas fotografias guardadas nos fundos das novas gavetas improvisadas,

a imagem dos ausentes. O tipo de narrativa e humor que identificamos nas obras dos exilados não encontramos na literatura produzida por aqueles que, na condição de judeus, emigraram para o Brasil. No livro *Memórias do Inferno*, de Isaak Podhoretz, sobrevivente de campo de concentração, o mendigo ressurgiu da realidade brasileira a título de comparação, com o objetivo de demonstrar a intensidade do drama vivenciado pelo autor. Miséria e medo são acionados no presente miserável com o intuito de recuperar o passado do inferno nazista. A crítica dirige-se ao nazismo, desviando-se do cotidiano cruel da sociedade brasileira:

... um mendigo em frente a uma padaria procurava alimentos no lixo e recordei também como procurava sobras estragadas, sujas, azedas e me contentava quando as achava. Apenas com uma diferença: o mendigo não tem medo de ninguém e eu sempre sentia medo...<sup>37</sup>

Basicamente, podemos afirmar que o autor deste tipo de literatura procura, como tantos outros, construir a sua estética do cotidiano, seja este racista, fascista ou republicano. A essência de cada obra está contida na condição de ser imigrante judeu ou exilado republicano. Esta literatura tem, em essência, a capacidade de narrar o drama do oprimido e da degradação humana contrapondo-o com utopias e esperanças. Enfim, expressa a trajetória de uma busca, de um sentido para a vida.

## N O T A S

1. Esta lei foi publicada dois meses antes das tropas franquistas saírem vitoriosas, tendo o respaldo da Inglaterra e França que, em fevereiro, reconheceram o governo de Franco. O termo da lei apresentava uma Espanha consciente de seus deveres de reconstruir espiritual e materialmente a nação. Daí a necessidade de "liquidar las culpas de este orden contraedas por quienes contribuyeron con actos u omisiones graves a forjar a subversión". Sobre este tema ver C. García-Neto, "Victoria y el exilio", *Guerra civil española (1936-1939)*, Barcelona, Aula Abierta Salvat, 1985, pp. 62-63.
2. Ver a coletânea de artigos *El exilio español en Méjico (1939-1982)*, Méjico, Salvat, Fondo de Cultura Económica, 1982.
3. L. Argentinos Senkman, *La Segunda Guerra mundial y los refugiados indeseables (1933-1945)*, Buenos Aires, Grupo Editor LatinoAmericano S.R.L., 1991.
4. J. C. Casas e outros, *La España ausente*, Madrid, Ediciones 99, 1973, pp. 15-16.
5. M. L. T. Carneiro, *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*, 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1988.
6. F. M. de Carvalho, "Ainda a imigração do após-guerra", *Revista de Imigração e Colonização (IV)*, 4. dez. 1943, pp. 67-68; "Imigração um problema nacional", idem (VI), 4. mar. 1945, pp. 57-65; "Imigração um problema nacional", idem, mar. 1945, pp. 57-67. Sobre este assunto, ver M. L. T. Carneiro, op. cit., "A escumalha de guerra", 343 e ss.
7. J. A. Matezans, "La dinámica del exilio", *El exilio español en Méjico (1939-1945)*, p. 170; J. L. Abellán, *De la guerra civil al exilio republicano (1936-1977)*, Madrid, Editorial Mezquita, 1985, p. 102.
8. J. L. Portillo, "Prólogo", *El exilio español en Méjico (1939-1982)*, Méjico, Salvat, Fondo de Cultura Económica, 1982, p. 9.
9. C. Lasch, *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*, 1ª ed., 1986, São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 10.
10. M. Pollak, "Memória, esquecimento, silêncio", *Estudos Históricos 3: memória*, São Paulo, Edições Vértice, 1989, p. 4.
11. Este projeto maior intitula-se *Literatura de imigração: histórias de muitas vidas (1930-1945)* e está sendo desenvolvido junto ao Depto. de História da FFLCH da Universidade de São Paulo, tendo sido financiado, por dois anos, pelo CNPq. Esta pesquisa se apresenta como o prolongamento de um estudo anterior que se ateve a registrar depoimentos, a técnica da história oral, concentrando-se nos testemunhos dos judeus que, perseguidos pelo nazi-fascismo, buscaram refúgio no Brasil. A mostra prevista engloba cerca de 110 testemunhos diferenciados em dois grupos específicos: judeus alemães (com atenção especial para aqueles que se concentraram em Rolândia, Paraná) e judeus italianos. Grande parte do material iconográfico referente ao tema foi organizado sob a forma de uma exposição, patrocinada pelo Instituto Cultural Goethe, com o título *Brasil, um refúgio nos trópicos: a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo*, 1996.
12. Matezans, ao caracterizar o tipo de imigrante que entrou no México em 1939, em decorrência da vitória franquista, utiliza-se de duas expressões: *refugiado republicano*, para aquele que se considera 'em trânsito' e que não vem para 'fazer a América'. Para aqueles que vêm para ficar, sendo que muitos foram solidários a Franco durante a guerra civil e apoiaram os rebeldes, o autor emprega a expressão *gachupeiros*. J. A. Matezans, op. cit., pp. 166-167.
13. E. Meyer (coord.), *Palabras del exilio*. Archivo de la palabra del INAH. Contribución à la historia de los refugiados españoles en Méjico. Méjico, INAH-SEP/Librería Madero, 1980, p.14.
14. Anita Salmoni, *Você voltaria?*, São Paulo, Shalom, 1979, p. 9.
15. P. Fagen, *Transterrados y ciudadanos: los republicanos españoles en Méjico*, Méjico, Fondo de Cultura Económica, 1975, p. 7.
16. C. Martínez, *Crónica de una emigración: la de los republicanos españoles en 1939*, Méjico, Libro Mex, 1959.
17. Aub Max, escritor espanhol nacionalizado mexicano, abandonou a Espanha em 1939 e, em

- 1942, fugiu da França para o México. Importante obra deste escritor é *Jusep Torres Campalans*, Biblioteca del Exilio, Barcelona, Plaza & Janés Editores, 1970.
18. V. Botella Pastor, *Así cayeron los dados*, Paris, Imprimerie des Gondoles, 1954, apud R. Jouanny, "Así cayeron los dados y encrucijadas - dos novelas en Francia de un español con su exilio", *Literatura y guerra civil*, Barcelona, Edición Angeles Santa, Dept. de Filología, Faculdade de Letras, Estudo General de Lérida, Universidade de Barcelona, 1988, pp. 275-308.
  19. J. Semprúm, *La Algarabía*, Barcelona, Plaza & Janes S. A. Editores, 1982.
  20. R. J. Sender, *Mexicayótl*, apud J. de Colina, "Ensaio: Méjico, visión de los transterrados (em su literatura)", *El exilio español en Méjico*, op. cit., pp. 424-425.
  21. J. Rejano, *La esfinge mestiza*: crónica menor de Méjico, Méjico, Leyenda, 1945. Ver também J. de Colina, op. cit., p. 422.
  22. Gostaria de lembrar aqui os poemas do sevilhano Luis Cernuda escritos no México entre 1951 e 1963, ano em que morreu. Dentre eles, temos "Como quien espera el alba" (1941-1944), monólogo dramático seguindo a tradição inglesa, Apud J. de Colina, op. cit., p. 411 e ss.
  23. J. M. Villa, *Cornucopia de Méjico*, Méjico: La casa de España en Méjico, 1940, Méjico, Sep/Setoriales, 1976 e *Nueva cornucopia mexicana*, caráter póstumo, artigos dispersos reunidos por Roberto Suárez Arguello, Méjico, Sep/Stentas, 1976.
  24. Sobre Ataola, ver J. de Colina, op. cit., p. 423.
  25. Claire Etchelli, A propos de Clemence, Paris, Col. Folio, Denoel, 1971, apud A. Santa, "A propos de Clemence", *Literatura y guerra civil*, op. cit.
  26. M. Pollak, op. cit., pp. 8-9.
  27. I. Podhoretz, *Memórias do inferno*, São Paulo, s.e., 1992, pp. 185-186.
  28. M. L. T. Carneiro, "Heróis sem armas", *Judaica latinoamericana: estudios histórico-sociales II*, Jerusalem, Editorial Universitária Magnes, Universidad Hebrea, 1995, pp. 69-86.
  29. As principais obras a serem consultadas sobre este tema são: J. A. Matezans, *El exilio español en México*; A. H. Leon-Portilha, *España desde Méjico*: vida y testimonio de transterrados, Méjico, Universidad Nacional Autónoma de Méjico, 1978; *Literatura y guerra civil*; P. Fagen, *Transterrados y ciudadanos*: los republicanos españoles en Méjico. Observação: grande parte da bibliografia e literatura de exílio aqui citada foi gentilmente cedida pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, pesquisador e especialista no assunto dos 'transterrados espanhóis' no México, sobre os quais desenvolve projeto de pesquisa.
  30. M. Mayer, *All the gardens of my life*, translated by Marie Burg, New York, Vantage Press, 1983. Originalmente publicado com o título de *Alle Garten Meines Lebens*, Frankfurt am Main: Verlag Josef Knecht, 1978; K. Shauff, *Schreib mir alles, Mutter. Briefe aus dem "Brasilianischen Garten"*, Germany, Verlag Gunther Neske, 1987; Anita Salmoni, *Você voltaria?*, São Paulo, Shalon, 1979; M. L. Rolnik, *Os abismos: memórias e contos*, Curitiba, Montana, 1990; Fúlvia Di Segni, *A longa trilha azul*, São Paulo, s.e., 1980; Trudi Landau, *Crônicas do meu tempo*, São Paulo, Massao Ohno, Roswitha Kempf, 1981; Ilza Czapka, *Nosso caminho de obra para o Brasil (1939-1941)*, trad. Inês Czapka Dellac, São Paulo, s.e., 1982 (impresso).
  31. Suzanne Bach, *À la recherche d'un monde perdu*, Rio de Janeiro, Centro das Edições Francesas, (Erster Teil der Autobiographie), 1944. Ver *Exil in Brasilien: die Deutschsprachige Emigration (1933-1945)*. Eine Ausstellung des Deutschen Exilarchivs (1933-1945) der Deutschen Bibliothek Frankfurt am Main/Die Deutsche Bibliothek, 1994. Sobre estes escritos, ver M. L. T. Carneiro, *Brasil, um refúgio nos trópicos*: a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo, São Paulo, Editora Estação Liberdade/Instituto Cultural Goethe, 1996.
  32. Fritz Pinkuss, *Estudar, ensinar, ajudar*: seis décadas de um rabino em dois continentes, São Paulo, Cultura, 1990.
  33. Livio T. Pincarie, *Dois mundos*: história da vida de um médico judeu ítalo-brasileiro, São Paulo, Roswitha Kempf, 1987.
  34. Max Hermann Maier, *Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira*: relato de um imigrante (1938-1975), trad. Mathilde Maier, Rolândia, Velox, 1975.
  35. M. Maier, op. cit., p. 64;
  36. Idem, *ibidem*, p. 35.
  37. I. Podhoretz, op. cit., p. 186.

# A B S T R A C T

This article makes some considerations about the year of 1945 as a historical period of immigration of several people in Europe who had looked for new ideals.

Two types of literature were made in that period: the *exile literature* and the *immigration literature*. The first was written by intellectuals who due to political and ideological reasons sought refuge in European countries. The second is relative to books written by Jews who took refuge from nazism and facism in Brazil during the thirties and the fourties.

# R É S U M É

L'article focalise l'année de 1945 comme un moment historique d'immigration de plusieurs personnes, à l'Europe, en cherchant des nouveaux idéaux.

Deux classes de littérature furent produites dans ce période: la *littérature de l'exil* et la *littérature de l'immigration*. La première fut écrite par intellectuels engagés, qui à cause des raisons politiques et idéologiques s'abritaient dans les pays européens. L'autre a rapport aux livres écrits par Juifs réfugiés du nasisme et du facisme, et qui s'installaient au Brésil pendant les décades de 1930 et 1940.